

UM TRABALHO SOBRE A GEOGRAFIA INDUSTRIAL DO DISTRITO DE AVEIRO

Dobrado o cabo das duas dúzias de dissertações de doutoramento em Geografia apresentadas no nosso país, apareceu pela primeira vez, na Faculdade de Letras de Coimbra, um trabalho deste género dedicado ao estudo do fenómeno industrial ⁽¹⁾ — a que logo se seguiu outro, desta feita em Lisboa, também referido no presente número de *Finisterra*. Isto reflecte, salvo algumas excepções ⁽²⁾, o interesse tardio dos geógrafos

⁽¹⁾ LUCÍLIA DE JESUS CAETANO, *A Indústria no Distrito de Aveiro. Análise Geográfica Relativa ao Eixo Rodoviário Principal (E. N. N.º 1) entre Malaposta e Albergaria-a-Nova*, Faculdade de Letras, Coimbra, 1985 (2 vols., 863 p. com numeração seguida, 97 fig., numerosos quadros estatísticos, abundante bibliografia; o 2.º vol., a partir da p. 623, inclui três anexos, relativos à problemática da classificação das indústrias, à formação do distrito de Aveiro, no âmbito da divisão administrativa em Portugal Continental, e à apresentação da maior parte dos quadros estatísticos, precedida pela dos modelos de inquéritos utilizados no trabalho de campo).

⁽²⁾ É o caso da dissertação de licenciatura, também da autoria de LUCÍLIA DE JESUS CAETANO, *Zona Industrial Loreto-Pedrulha da Cidade*

de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra 1968 (pol.); do trabalho de MARIA ALFREDA CRUZ, *A Margem Sul do Estuário do Tejo. Factores e Formas de Organização do Espaço*, Montijo 1973, onde há largos trechos sobre a indústria; de alguns artigos já bem recentes, de JOÃO FERRÃO, portugueses pelo tema, que se pode atribuir a dois factores principais: as orientações metodológicas predominantemente seguidas em geografia humana, segundo as quais o estudo da indústria estaria enquadrado, de preferência, no campo da economia, encarando-se a unidade fabril como elemento pontual, sem se tomar em conta o complexo jogo de relações desencadeado a partir dela (pelo menos, desde que ultrapassa determinada dimensão); o próprio facto de ter sido recente o crescimento industrial entre nós, com o avanço decisivo situado apenas nos anos 50 do século actual.

No estudo de LUCÍLIA DE JESUS CAETANO, analisa-se a indústria no distrito de Aveiro e depois, mais em pormenor, num sector do principal eixo rodoviário que o atravessa. O primeiro quadro espacial mencionado, o distrito de Aveiro, pode parecer artificial para um trabalho de geografia. A este respeito, creio que a autora coloca a questão em devidos termos na p. 14. Por um lado, é um facto que a área de amostragem escolhida para investigação detalhada teria de ser enquadrada num conjunto maior. Por outro, se as divisões administrativas têm limites mais ou menos artificiais, só através delas se consegue reunir o volume de elementos estatísticos indispensáveis para um estudo integrado na temática escolhida, além de que são frequentemente encaradas como objecto de determinadas acções, a nível de planeamento, o que é bem sensível na indústria. O distrito de Aveiro, diversificado, influenciado a norte pela proximidade da aglomeração urbana do Porto, acaba por constituir um quadro de referência plausível; qualquer outro, sempre calcado sobre unidades concelhias, para se aproveitarem os dados disponíveis, apresentaria decerto, por seu turno, alguns aspectos insatisfatórios.

As grandes linhas gerais do plano do livro são simples e bem encadeadas: introdução, em que se faz alusão ao tema, às características da área estudada cuja evocação se impõe para melhor compreensão daquele, a alguns aspectos metodológicos; 1.ª parte, com o enquadramento do fenómeno industrial no distrito, a nível do país, e o estudo dos condicionamentos demográficos; 2.ª parte, relativa ao distrito; 3.ª parte, sobre o eixo rodoviário entre Malaposta e Albergaria-a-Nova. Coerente é também o fio condutor dos vários capítulos destas três partes, embora o desenvolvimento dos diferentes assuntos não tenha, nalguns casos, o equilíbrio desejável.

Nos dois capítulos iniciais, aqueles que compõem a primeira parte, são analisados elementos básicos para o entendimento dos fenómenos estudados. Afiguram-se, contudo, demasiado extensos, pelo menos o primeiro, «Problemas, Condicionamentos e Algumas Características do Crescimento da Indústria em Portugal». Com pouco mais duma centena de páginas, nele reuniu a autora um conjunto de informações volumoso e com muitas observações interessantes, cobrindo o longo período desde os fins do século XVII até à actualidade, mas que ganharia se fosse

intetizado e melhor circunscrito ao que se relaciona directamente com a matéria que vem a seguir.

«Os Fundamentos Demográficos» (capítulo II, p. 139-216), intimamente relacionados com a dinâmica do fenómeno industrial, são estudados de forma detalhada. Ao longo dos vários recenseamentos, o distrito de Aveiro tem revelado uma tendência constante no sentido do aumento da população e foi dos raros em que isso se verificou no período crítico de 1960-70. No entanto, registam-se contrastes acentuados e as próprias densidades em 1981 variavam entre, por um lado, 2002, 1530 e 512 hab./km², nos concelhos de S. João da Madeira, Espinho e Feira (sem esquecer a escassa dimensão dos dois primeiros), e, por outro, 73, 104 e 112 hab./km², nos de Arouca, Sever do Vouga e Vagos. Quanto à composição profissional, com uma população activa de 259 408 habitantes em 619 966 de população presente, o distrito compreende 138 666 no sector secundário, o que corresponde a 53,5 % (1981). Ainda aqui, as diferenças são muito sensíveis, pois enquanto o concelho da Feira nos surge com 73,3 % no secundário, o de Vagos apresenta 63,1 % no primário. De qualquer forma, importa notar que o distrito de Aveiro ocupava em 1981 o segundo lugar quanto à percentagem de população activa no secundário, apenas ultrapassado pelo de Braga, com 56,4 %. Nos concelhos relacionados com o troço do eixo rodoviário analisado adiante, estas percentagens do secundário eram as seguintes: Águeda, 60 %; Albergaria-a-Velha, 51,1 %; Anadia, 43,4 %.

O capítulo III, «Características e Repartição das Indústrias» (p. 219-245), abre a segunda parte do trabalho. Concretiza-se nele o grau de industrialização por concelhos, a repartição geográfica das indústrias e grau de concentração, com base em índices diversos, e estuda-se ainda a questão da dimensão das empresas. O distrito reúne diversos tipos de indústrias, com saliência, por exemplo, para os têxteis, vestuário e couro, produtos metálicos, artigos de madeira e cortiça, produtos cerâmicos destinados à construção civil. A diversificação é variável, com maior incidência nos concelhos de Aveiro, Albergaria, Espinho, Estarreja e Anadia, com acentuada relevância das indústrias da madeira, mobiliário e cortiça no da Feira, dos têxteis nos de Oliveira de Azeméis e, sobretudo, S. João da Madeira. Como regra, domina a pequena empresa, não raro muito pequena, o que se coaduna com o padrão corrente no país.

Apresentado este panorama relativo à actualidade, estudam-se no capítulo IV «Os Antecedentes da Indústria Moderna» (p. 247-307). Põe-se em evidência uma tradição industrial já antiga, em relação à qual é possível detectar, nalguns casos, estímulos concretos, como acontece com a presença de barro, quanto às indústrias de cerâmica, com a exploração de minério de chumbo, quanto às de produtos metálicos, com a posição de Águeda (que correspondia, no século XIX, ao cruzamento da via fluvial com a terrestre), quanto às indústrias ligadas a material de transporte. Diversos elementos permitem apreciar a progressão do crescimento industrial, que se acentua depois de 1930 e é já sensível através dos elementos do censo de 1950, ainda que com divergências nos diferentes concelhos. Embora com frequência as indústrias tenham «raízes numa actividade

produtiva pré-industrial, 'doméstica' e em pequenas oficinas» (p. 298), verificam-se excepções (sector químico, concelho de Estarreja, complexo industrial da Renault, concelho de Aveiro). Com os seus traços específicos próprios, o distrito estudado acompanhou (aliás, em posição saliente) o impulso industrial verificado no país ao longo das últimas décadas, segundo a evolução complexa que é objecto de referências no capítulo inicial.

O V capítulo, «Factores de Localização Industrial» (p. 309-325), relaciona-se com o que o precede, retomando-se alguns aspectos nele aludidos. Mas, no essencial, a autora discute aqui alguns traços gerais do problema, insiste na incidência variável dos diversos factores, em função da difusão das inovações técnicas, refere o papel da mão-de-obra, da energia e da presença de água e analisa, sobretudo, a influência dos transportes (com as suas várias implicações). Se é certo que «os aspectos históricos influenciaram fortemente a época contemporânea», não é menos verdade que «foram, no entanto, as comunicações, progressivamente facilitadas, e uma vez garantida a independência em relação à utilização directa da força da corrente dos rios, que condicionaram a localização das unidades fabris» (p. 321).

Assim se esboça a transição para a terceira parte do livro, dedicada ao eixo correspondente à Estrada Nacional N.º 1, no seu sector alheio a influências directas exteriores ao distrito de Aveiro, para norte do lugar de Malaposta (concelho de Anadia) e até ao de Branca (concelho de Albergaria), marcando este último, segundo as sondagens efectuadas, o limite com a cintura industrial da área urbana do Porto. A autora utiliza os elementos de dois minuciosos inquéritos, a que procedeu em 1977 e 1982, e confronta aqueles, relativos aos estabelecimentos situados junto à entrada, com os dos três concelhos por onde passa o sector considerado (os dois referidos e Agueda). Este último é o que apresenta maior taxa de industrialização, mas também menor grau de diversificação, com predomínio das unidades fabris ligadas à cerâmica de barro vermelho e aos objectos obtidos por fundição e artigos metálicos diversos; em Anadia, cuja taxa de industrialização é a mais baixa, salientam-se as indústrias de bebidas e em Albergaria, as de fabricação de pasta celulósica, papel e metalurgia.

O capítulo VI, «Caracterização Geral» (p. 331-369), contém os dados básicos sobre os ramos industriais existentes. Verifica-se que em 1982 se encontravam presentes no eixo rodoviário 19 unidades do concelho de Albergaria (30,6%), 24 do de Anadia (11,4%) e 112 do de Agueda (26,4%). Em termos de pessoal empregado, as percentagens eram, respectivamente, de 24,2%, 23,6% e 63,3%^(*). Assim, dum modo geral, vamos encontrar na estrada as unidades de maior dimensão, o que se liga à diversidade acrescida dos mercados. De notar que a produção artesanal em pequenas oficinas é muito significativa, o que justificou uma alínea final no capítulo sobre o assunto.

(*) O que equivale, em números absolutos, a 684, 1264 e 9191 pessoas. As indústrias que empregavam mais gente eram as dos produtos de cimento e grés em Albergaria, produtos metálicos em Anadia e Agueda.

Segue-se o estudo sobre «A Componente Humana e suas Características», título do capítulo VII. É uma análise muito detalhada (p. 371-464), que inclui a dimensão dos estabelecimentos industriais segundo o pessoal ao serviço, a repartição profissional, a estrutura etária, o trabalho feminino, a proveniência geográfica do pessoal, as migrações quotidianas em relação com problemas de habitação e a situação sócio-económica anterior e proveniência geográfica dos empresários. O texto apresenta-se bastante sobrecarregado com elementos estatísticos, o que corresponde à opção deliberada da autora no sentido da inclusão duma soma considerável de dados concretos. De sublinhar a preocupação em caracterizar as questões ligadas ao trabalho feminino (a mão-de-obra correspondente situa-se entre 20 % do total em Albergaria e 30 % em Agueda) e o interesse das alíneas sobre a proveniência dos empregados (cerca de 40 % de outros concelhos, embora em regra das proximidades) e sobre o empresário. A situação sócio-económica anterior deste constitui factor da reduzida dimensão das unidades industriais, na medida em que é significativa a parte de antigos operários (34 % em Albergaria, 35 % em Anadia, 41 % em Agueda). «Naturalmente, não possuíam capital suficiente para os avultados investimentos que uma grande unidade exige. E, devido a razões de ordem psicológica, e até social, não estão vocacionados para o recurso a empréstimos avultados da Banca. Por outro lado, têm um forte sentimento de individualismo e uma necessidade de afirmação social» (p. 449).

No capítulo VIII, «Organização, Localização e Relações Técnicas e Geográficas das Empresas» (p. 465-555), é tratado um conjunto de questões um tanto diversificadas, começando-se pela forma jurídica das empresas (dominam as sociedades por quotas), localização das sedes sociais e comerciais (predominantemente no lugar de laboração) e concentração das empresas (através de laços de natureza variada). As alíneas sobre ligações técnicas (proveniência das matérias-primas e destino da produção) e localização geográfica dos mercados (também nos dois aspectos referidos) são ilustradas por meio de esquemas muito expressivos e bem concebidos, que constituem as figuras 80 a 91. Depois, faz-se alusão aos níveis de produtividade e ao apetrechamento técnico das unidades industriais e aflora-se, de forma breve, o problema da adesão ao Mercado Comum; quanto a esta, a maioria dos empresários inquiridos manifestou falta de esclarecimento sobre o assunto ou receios, o que foi particularmente sensível no concelho de Albergaria. Na última alínea do capítulo, eminentemente geográfica, consagrada às «formas de organização do espaço industrial», parte-se do estudo do estabelecimento fabril (arquitectura industrial, a que nem sempre os geógrafos prestam a devida atenção, e área de ocupação actual e de expansão) para o da localização dos estabelecimentos fabris, bem sintetizada nas figuras 92 e 93 (que mereciam reprodução em escala maior), e no qual se analisam, com a ponderação necessária, as razões invocadas pelos empresários. Entre estas, salienta-se a proximidade do eixo rodoviário principal, presente em 93,8 % das respostas em Albergaria, 58,3 % em Anadia (seguem-se as perspectivas de recrutamento de mão-de-obra, 37,5 %, e a posse

de terrenos, 29,2 %) e 56,3 % em Agueda (valor pouco maior que o relativo ao preço vantajoso por m², 53,6 %, e presença de indústrias complementares, 47,3 %). Quando se considera a área estudada, no seu todo, «podem ser observados troços, que atingem extensão apreciável, verdadeiras ruas de fábricas, embora, a espaços, se constituam aglomerações espontâneas, em que as ligações dos estabelecimentos com o foco gerador prolongam e ampliam a sua actividade» (p. 547); as minuciosas observações da autora concretizam esta ideia.

Os dois últimos capítulos, mais sucintos, intitulam-se «Perspectivas de Evolução: Sentidos e Problemas» (p. 557-594) e «Breves Considerações sobre a Urbanização dos Espaços Rurais» (p. 595-609). No primeiro deles discute-se o papel da pequena empresa, a questão dos custos de energia e do planeamento e investigação industriais, aspectos relacionados com a utilização e formação da mão-de-obra e com a poluição. O capítulo final é uma simples indicação dos tópicos principais, já que o seu desenvolvimento, segundo a autora, ultrapassaria bastante o âmbito do trabalho. Como se diz mais adiante sobre o assunto, na «Conclusão» em que, ao longo duma dezena de páginas, está delineada a síntese dos principais temas tratados, embora não se possa falar em industrialização, a organização do espaço revela bem as incidências da implantação das unidades fabris. As freguesias onde se situam estas «e as envolventes donde se deslocam trabalhadores têm registado crescimento contínuo da população. E, ao mesmo tempo, decresceu o número de povoações com menos de 100 habitantes. No entanto, segundo o censo de 1981, ainda nenhuma havia atingido os 5000 habitantes. A própria casa rural se adaptou, frequentemente, à função simultânea de domicílio e oficina artesanal, ou mesmo indústria que se desenvolveu a partir desta. O operário permanece, na grande maioria, na dualidade «operário-camponês» (...). Além disto, processou-se unicamente uma urbanização «difusa», não tendo nenhuma localidade sofrido um crescimento intenso. De facto, não se verificou a convergência de correntes migratórias, (...) circunstância que tem provocado uma crescente indiferenciação entre [as áreas rurais] e as urbanas» (p. 619-620).

No conjunto, estamos em presença dum trabalho meritório, elaborado de forma sóbria, que reúne muitas informações e exigiu um grande esforço de investigação. Atendendo ao estado actual dos estudos de geografia industrial portuguesa — e sem negar o interesse de análises com outra orientação —, torna-se importante dispor de estudos deste tipo, que permitam retratar a situação presente em diversas áreas e estabelecer as bases da sua interpretação. Assim se abre caminho para sínteses globais de diferente natureza.